

O IMPACTO SUBJETIVO DA PRÁTICA DO AUTODIAGNÓSTICO ONLINE: REVISÃO DE LITERATURA

SUBJECTIVE IMPACT OF ONLINE SELF-ASSESSMENT PRACTICE: LITERATURE REVIEW

IMPACTO SUBJETIVO DE LA PRÁCTICA DE AUTOEVALUACIÓN EM LÍNEA: REVISIÓN DE LITERATURA

Luana Barbosa Bessa Calderaro¹
Doroth Shayane de Souza Lima²
Maria Eduarda Delduque Pereira³

RESUMO: O avanço das tecnologias digitais e a popularização das redes sociais transformaram significativamente o acesso à informação em saúde, especialmente no campo da saúde mental. Nesse contexto, observa-se o crescimento da prática do autodiagnóstico online, caracterizada pela busca de informações sobre sintomas e transtornos psicológicos em plataformas digitais, muitas vezes antes da procura por atendimento profissional. O presente estudo tem como objetivo investigar os impactos subjetivos da prática do autodiagnóstico online na saúde mental dos indivíduos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, com levantamento bibliográfico realizado nas bases SciELO, PubMed, PePSIC, Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Foram utilizados descritores relacionados à saúde mental, autodiagnóstico, redes sociais, automedicação e subjetividade. Os resultados apontam que o excesso de informações disponíveis na internet favorece fenômenos como a infodemia, a disseminação de conteúdos imprecisos e o fortalecimento de práticas de risco, como a automedicação. Além disso, observou-se que o autodiagnóstico pode impactar a subjetividade dos indivíduos, influenciando a construção identitária, gerando ansiedade, hipervigilância e sofrimento psíquico. Conclui-se que, embora a internet amplie o acesso à informação, o uso inadequado desses conteúdos pode gerar prejuízos significativos à saúde mental, reforçando a necessidade de educação digital e incentivo à busca por acompanhamento profissional qualificado.

1

Palavras-chave: Saúde mental. Autodiagnóstico. Redes sociais.

¹ Graduanda de Psicologia-Centro Universitário - FAMETRO.

² Graduanda de Psicologia - Centro Universitário - FAMETRO.

³ Doutoranda e Mestre em Psicologia - (UFAM) e Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário - FAMETRO.

ABSTRACT: The advancement of digital technologies and the popularization of social networks have significantly transformed access to health information, especially in the field of mental health. In this context, there is a growth in the practice of online self-diagnosis, characterized by the search for information about symptoms and psychological disorders on digital platforms, often before seeking professional help. This study aims to investigate the subjective impacts of the practice of online self-diagnosis on individuals' mental health. This is a qualitative research, developed through a narrative literature review, with a bibliographic survey carried out in the SciELO, PubMed, PePSIC, CAPES Journals and Google Scholar databases. Descriptors related to mental health, self-diagnosis, social networks, self-medication and subjectivity were used. The results indicate that the excess of information available on the internet favors phenomena such as infodemic, the dissemination of inaccurate content and the strengthening of risky practices, such as self-medication. Furthermore, it was observed that self-diagnosis can impact individuals' subjectivity, influencing identity construction, generating anxiety, hypervigilance, and psychological distress. It is concluded that, although the internet broadens access to information, the inappropriate use of this content can cause significant harm to mental health, reinforcing the need for digital education and encouraging the search for qualified professional support.

Keywords: Mental health. Self-diagnosis. Social networks.

RESUMEN: El avance de las tecnologías digitales y la popularización de las redes sociales han transformado significativamente el acceso a la información sanitaria, especialmente em el ámbito de la salud mental. Em este contexto, se observa um aumento em la práctica del autodiagnóstico em línea, caracterizado por la búsqueda de información sobre síntomas y trastornos psicológicos em plataformas digitales, a menudo antes de buscar ayuda profesional. Este estudio tiene como objetivo investigar los impactos subjetivos de la práctica del autodiagnóstico em línea em la salud mental de las personas. Se trata de una investigación cualitativa, desarrollada a través de una revisión narrativa de la literatura, com uma búsqueda bibliográfica realizada em las bases de datos SciELO, PubMed, PePSIC, CAPES Journals y Google Scholar. Se utilizaron descriptores relacionados com la salud mental, el autodiagnóstico, las redes sociales, la automedicación y la subjetividad. Los resultados indican que el exceso de información disponible em internet favorece fenómenos como la infodemia, la difusión de contenido inexacto y el fortalecimiento de prácticas de riesgo, como la automedicación. Además, se observó que el autodiagnóstico puede afectar la subjetividad de las personas, influyendo em la construcción de la identidad y generando ansiedad, hipervigilancia y malestar psicológico. Se concluye que, si bien internet amplía el acceso a la información, el uso inadecuado de este contenido puede causar um daño significativo a la salud mental, lo que refuerza

la necesidad de educación digital y fomenta la búsqueda de apoyo profesional cualificado.

Palabras clave: Salud mental. Autodiagnóstico. Redes Sociales.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento expressivo na busca por informações sobre saúde nas redes sociais. O autodiagnóstico consiste na tentativa de identificar doenças ou transtornos a partir de sintomas observados em si mesmo e comparados com informações encontradas na internet, sem avaliação profissional. Plataformas digitais com alto alcance e número de visualizações, como o TikTok, têm se destacado na atualidade. O TikTok é uma rede social focada na criação e no consumo de vídeos curtos, sendo utilizada para educação, divulgação de informações, marketing e trabalho. Outra plataforma com elevado índice de visualização é o Instagram, uma rede social criada para o compartilhamento de fotos e vídeos entre pessoas.

Essas plataformas tornaram-se espaços populares para a divulgação de conteúdos relacionados à saúde mental e a diagnósticos psicológicos, especialmente entre adolescentes e jovens adultos, que têm se tornado consumidores cada vez mais frequentes desse tipo de conteúdo. Esse fenômeno reflete uma tendência global de utilização da internet como ferramenta de pesquisa sobre sintomas e tratamentos, muitas vezes antes da procura por ajuda profissional, no estudo de Armstrong et al. (2025), os jovens participantes relataram utilizar as redes sociais com maior frequência do que fontes acadêmicas para buscar informações sobre saúde mental, além de reconhecerem que esses conteúdos influenciavam a formação de crenças relacionadas ao autodiagnóstico..

Contudo, essa prática não se limita aos jovens. Pesquisas recentes, como o estudo de Michelle Prata (2015), apontam que pessoas acima de 50 anos também recorrem ao autodiagnóstico online. Embora muitos desses pacientes reconheçam os riscos de utilizar a internet para fins diagnósticos, ainda enfrentam barreiras na comunicação com profissionais de saúde sobre as informações encontradas na rede.

Diante desse cenário, observa-se uma escassez de produções científicas que abordem de forma aprofundada os efeitos subjetivos do autodiagnóstico na internet, bem como suas consequências psicossociais, tais como automedicação, frustração, agravamento de sintomas e tratamento tardio. Com base nos estudos de Arrais et al. (1997), observa-se que a prática da automedicação é frequente no Brasil, sendo comum o uso de medicamentos sem prescrição

médica. Esse comportamento pode estar relacionado à tentativa de autogerenciamento da saúde, muitas vezes associada ao autodiagnóstico. Além disso, a disseminação de informações imprecisas pode contribuir para o aumento da ansiedade, da confusão diagnóstica e da desinformação em larga escala (Koltermann, 2024).

Nesse contexto, emerge o seguinte problema de pesquisa: qual é o impacto subjetivo da prática de autodiagnóstico online na saúde mental dos indivíduos? Assim, esta pesquisa propõe-se a investigar os impactos subjetivos da prática do autodiagnóstico online na saúde mental, com o objetivo de analisar publicações científicas sobre o autodiagnóstico e saúde mental.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Saúde mental

Sob uma perspectiva reducionista, a saúde tende a ser compreendida exclusivamente como a ausência de doenças. Contudo, ao adotar um olhar mais ampliado e integrador, compreende-se que o conceito de saúde ultrapassa a inexistência de patologias, abrangendo um conjunto de dimensões que envolvem o bem-estar físico, mental e social do indivíduo, conforme descrito pela OMS.

Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades” (OMS, 1948). De acordo com dados da própria organização, a depressão afeta aproximadamente 5,8% da população brasileira, enquanto os transtornos de ansiedade atingem cerca de 9,3%, evidenciando a relevância da saúde mental como um componente central da saúde integral. Essa definição, presente no preâmbulo da Constituição da OMS, reconhece que o processo de viver de forma saudável está relacionado a fatores biopsicossociais, de modo que a saúde seja compreendida e reconhecida como um conceito integral. Diante disso, compreende-se que a saúde está diretamente relacionada à qualidade de vida. No contexto socioeconômico, as autoras Assis et. Al (2009) destacam que a saúde de um indivíduo pode ser comprometida com a falta de recursos financeiros que pode comprometer o acesso a uma alimentação adequada, principalmente em famílias de baixa renda.

Além disso, é fundamental refletir sobre condições básicas de sobrevivência, como o acesso ao saneamento básico e à água potável, que influenciam de forma significativa o bem-estar e a prevenção de doenças. Salem e Robenson (2025) apontam que a saúde mental também é afetada a partir do nível socioeconômico no sistema de apoio social, e que indivíduos que

vivem à margem da sociedade tem acesso limitado em vários meios sociais e há baixa procura por redes protetoras e sistemas de apoio, justamente pela falta de acesso.

No contexto contemporâneo, diversos fatores contribuem para o comprometimento da saúde mental desses sujeitos, tais como a sobrecarga laboral, a desigualdade social, as relações interpessoais, os hábitos de vida e a rotina, entre outros elementos presentes no cotidiano. Freire et al. (2011) citam alguns fatores contribuintes no meio organizacional como a pressão e a responsabilidade do trabalho, falta de apoio dos superiores, medo de perder o emprego, assédio moral, perda da autonomia, dentre outros fatores.

Conforme mencionado anteriormente, a saúde mental transcende a presença de doenças ou transtornos mentais, constituindo um conceito amplo que envolve múltiplos fatores e contextos. Para Silva et al., (2024, p.4), “o bem-estar psicológico refere-se ao estado mental de uma pessoa e abrange as áreas emocional, cognitiva e social”. O domínio dessas áreas possibilita que os indivíduos estejam no controle da tomada de decisão e tenham autonomia para assumir riscos e lidar com os desafios da vida.

Ainda segundo Silva et al., (2024, p.4), “autoconhecimento, aceitação, autonomia e coerência com as atividades vitais são elementos essenciais do bem-estar psicológico [...] práticas saudáveis, incluindo exercícios regulares, alimentação balanceada, hobbies, descanso e apoio profissional, contribuem para atingir e preservar esse bem-estar” (Farias, 2020). Considera-se que se torna fundamental analisar os contextos nos quais crianças e adolescentes constroem suas vivências e significados, especialmente o ambiente escolar, no qual estão constantemente expostos a conteúdos diversos e, por vezes, a informações falsas.

Nesse cenário, a promoção da compreensão sobre saúde mental torna-se essencial, assim como o esclarecimento acerca dos direitos dos estudantes que apresentam algum transtorno mental, aspecto que ainda se configura como um desafio para as próprias instituições de ensino, conforme aponta Leal (2024). Nesse sentido, o aprendizado sobre saúde mental na escola contribui significativamente para a conscientização e a promoção de práticas de autocuidado.

2.2 Autodiagnóstico online

A internet tem se consolidado como um importante facilitador no acesso à informação, permitindo trocas rápidas e acessíveis para indivíduos que buscam compreender dúvidas ou queixas relacionadas à saúde. Contudo, a prática do autodiagnóstico por meios digitais constitui um tema delicado, visto que hipóteses diagnósticas não devem ser formuladas sem a devida

avaliação de um profissional qualificado. Na era da informação, a temática da saúde mental tem sido frequentemente abordada de forma superficial, transformando-se em um consumo rápido de conteúdos voltados à identificação de sintomas (Fagan et al., 2024).

Com crescimento das tecnologias digitais e a popularização massiva das redes sociais, como WhatsApp que é um aplicativo de mensagens instantâneas; o Instagram que permite o compartilhamento de fotos e vídeos e YouTube, que é um canal de informações através de vídeos, essas redes sociais transformaram profundamente o cotidiano de uma população, redefinindo interações interpessoais. Porém, conexão excessiva tem gerado uma série de impactos prejudiciais à saúde mental.

A partir dos estudos de Vasconcellos-Silva e Castiel (2009), compreendemos que embora as inovações tecnológicas tenham trazido avanços inegáveis, como a facilitação da comunicação e o acesso instantâneo a informações, o uso excessivo dessas ferramentas tem sido associado a consequências psicológicas preocupantes, incluindo ansiedade exacerbada, depressão e sintomas de estresse. Dessa forma, as redes sociais, além de cumprirem a função de entretenimento, passaram a atuar como importantes veículos de disseminação de informações, apresentando postagens atrativas e vídeos de curta duração, com linguagem técnica e acessível, que abordam temas relacionados à saúde mental, aos transtornos psicológicos e aos seus sintomas (Santos; Batista, 2025).

6

Sousa e Silva (2017) destacam que o autodiagnóstico tem se configurado como um fenômeno cada vez mais frequente, impulsionado pela facilidade de acesso às informações disponíveis nos meios digitais. Contudo, os autores alertam que tal prática pode conduzir a interpretações equivocadas, uma vez que sintomas semelhantes podem estar associados a distintas condições clínicas. Reforçam que, embora a ampliação do acesso ao conhecimento represente um avanço, esse processo também impõe desafios significativos, especialmente no que se refere à disseminação de conteúdos imprecisos, superficiais e descontextualizados acerca dos transtornos mentais.

De acordo com Lima et.al (2023), uma das consequências mais alarmantes associadas à prática do autodiagnóstico refere-se à automedicação. Observa-se, na contemporaneidade, uma ampla disponibilidade e circulação de medicamentos comercializados, muitas vezes, sem a devida prescrição médica e sem fiscalização rigorosa por parte dos estabelecimentos responsáveis pela dispensação, como as farmácias.

Tal cenário contribui para o aumento expressivo do uso indiscriminado e abusivo de

fármacos pela população, potencializando riscos à saúde individual e coletiva. Ademais, destaca-se o fenômeno da medicalização, que, conforme definido por Dalgalarrodo (p 41-48, 2019), consiste no processo pelo qual questões que não possuem, originalmente, caráter médico passam a ser interpretadas e tratadas como problemas de ordem médica, frequentemente enquadradas como doenças ou transtornos.

Silva et al., (2024) destacam que o autodiagnóstico incorreto, frequentemente impulsionado pela desinformação nas redes sociais, pode resultar em atrasos na busca por tratamento adequado, agravando os sintomas e aumentando o risco de comorbidades.

De modo semelhante, Vasconcellos-Silva e Castiel (2009) apontam que a expansão de sites e plataformas sem respaldo científico, muitas vezes voltados à promoção de produtos comerciais, suscita preocupações quanto à qualidade e à confiabilidade das informações disponíveis. Dessa forma, o autodiagnóstico revela-se um fenômeno ambíguo: embora proporcione autonomia, acessibilidade e agilidade na busca por respostas, também pode gerar ansiedade, interpretações equivocadas e atrasos no acesso a cuidados profissionais adequados.

Segundo Santos et al., (2025) cerca de 40,7% dos participantes da pesquisa apontam terem realizado autodiagnóstico de TEA e TDAH com informações encontradas nas redes sociais, apesar dessa quantidade, a maioria reconhece que tais informações não são confiáveis e suficientes para fechar o diagnóstico.

Mesmo reconhecendo a importância de uma avaliação profissional, 99% ainda preferem utilizar da autoavaliação antes de buscar ajuda adequada. Os participantes afirmam que o autodiagnóstico pode causar ansiedade e frustração. Com base nesses dados, as redes sociais podem simplificar informações sobre saúde mental, causando efeitos subjetivos e sociais. Ou seja, para Santos et al. (2025), ao mesmo tempo em que as redes sociais representam uma ferramenta de grande auxílio na disseminação de informações sobre saúde mental, também podem atuar como reforçadoras de estigmas e contribuir para o autodiagnóstico, devido à circulação de conteúdos breves e descontextualizados.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, com o objetivo de analisar publicações científicas sobre o autodiagnóstico e saúde mental. A escolha dessa abordagem fundamenta-se na necessidade de reunir, analisar e discutir produções científicas relevantes sobre o tema,

proporcionando uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado Segundo Rother (2007) A revisão narrativa da literatura é adequada para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado, permitindo explorar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, favorecendo a contextualização e a reflexão crítica acerca do conhecimento produzido.

A pesquisa foi conduzida a partir de levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais, sem recorte temporal delimitado para os estudos. Foram utilizadas bases de dados como SciELO, PubMed, PePSIC, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, considerando sua relevância na indexação de estudos em psicologia e saúde mental. Para a busca, foram empregados descritores em português e inglês, tais como: “saúde mental”, “autodiagnóstico”, “redes sociais”, “automedicação” e “subjetividade”, bem como utilizou-se critérios de inclusão previamente definidos, a saber: artigos científicos, monografias, dissertações e teses, bem como documentos oficiais publicados nos idiomas português e inglês, que estejam disponíveis gratuitamente para acesso na íntegra. Como critérios de exclusão, foram descartadas publicações duplicadas, bem como trabalhos fora do recorte temático estabelecido.

A utilização desses termos permitiu ampliar o alcance da pesquisa e identificar produções alinhadas ao objeto de estudo. Os descritores foram aplicados de forma combinada para refinar os resultados e assegurar maior especificidade. Esse procedimento favoreceu a seleção de materiais diretamente relacionados à temática proposta. Após a busca realizada com os descritores, foi encontrado um total de 30 estudos. Realizou-se leitura dos títulos e resumos, seguida de leitura analítica e interpretativa dos textos completos. Restando ao fim, 15 artigos que compuseram o corpus da pesquisa.

A etapa de análise dos dados ocorreu por meio de abordagem qualitativa interpretativa, priorizando a identificação de convergências e divergências entre as produções selecionadas. Os dados obtidos foram analisados por meio da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016), compreendida como um conjunto de técnicas sistemáticas de análise que possibilita identificar significados explícitos e implícitos presentes nos materiais selecionados. Foram examinadas contribuições teóricas, metodológicas e práticas relacionadas ao processo do autodiagnóstico. A síntese interpretativa possibilitou compreender lacunas existentes na literatura e apontar caminhos para aprofundamento científico. Esse processo permitiu elaborar categorias de discussão: 1) infodemia; 2) automedicação e práticas de risco; e 3) a subjetividade mediante o autodiagnóstico.

No que se refere aos aspectos éticos, por tratar-se de revisão de literatura, não houve envolvimento direto de participantes humanos, dispensando submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Entretanto, manteve-se compromisso com integridade acadêmica, respeitando autoria das obras consultadas e evitando qualquer forma de plágio. As citações foram realizadas conforme normas da ABNT, assegurando transparência e credibilidade científica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1- Artigos selecionados para o corpus da pesquisa.

Autor(es)	Ano	Título/Tema	Resumo	Resultados	Base de dados
Garcia; Duarte	2020	Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil.	Discute medidas não medicamentosas adotadas durante a pandemia.	Mostra como isolamento, distanciamento social e uso de máscaras foram essenciais no controle da disseminação	Scielo
Melo; Santana	2022	Infodemia e ciência da informação no Brasil.	Analisa excesso de informações e fake news em saúde.	Mostra como a desinformação afeta decisões de saúde e favorece práticas inadequadas como automedicação.	Google Acadêmico
Vosoughi;Roy; Aral	2018	The spread of true and false news online.	Estudo sobre propagação de notícias verdadeiras e falsas no Twitter.	Notícias falsas se espalham mais rápido que notícias verdadeiras, o que ajuda a explicar	PubMed

				desinformação em saúde.	
Fiocruz	2020	Infodemia e desinformação na pandemia.	Documento técnico sobre impactos da desinformação na pandemia.	Demonstra que fake news influenciaram comportamentos de risco e automedicação.	Site oficial da fundação Oswaldo Cruz
Santos; Albuquerque; Guedes	S.d	Os riscos da automedicação com medicamentos isentos de prescrição (MIPs) no Brasil	Debate uso indiscriminado de medicamentos vendidos sem receita.	Mostra riscos de intoxicação, mascaramento de sintomas e agravamento de doenças.	Google Acadêmico
Haak	1988	Pharmaceuticals in two Brazilian villages: Lay practices and perceptions	Estudo clássico sobre práticas populares relacionadas ao uso de medicamentos.	Evidencia que automedicação é influenciada por fatores culturais e sociais.	PubMed
Doering	1986	Pharmacists as prescribers: the Florida experience	Analisa ampliação do papel do farmacêutico na prescrição. PubMed	Discute acesso facilitado a medicamentos e impactos no consumo.	PubMed
Filho; Uchoa; Guerra; Firmo; Lima-Costa	2002	Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do Projeto Bambuí	Estudo epidemiológico sobre automedicação.	Encontrou alta prevalência de automedicação associada a fatores sociodemográficos.	SciELO/PubMed
Wolff; Peder	2021	A influência das mídias sociais no uso de medicamentos	Analisa redes sociais como influenciadoras	Mostra que redes sociais estimulam automedicação e consumo sem	Google Acadêmico

			do consumo de medicamentos.	orientação médica.	
D'Ávila; Andrade	2023	A influência da publicidade na automedicação	Discute propaganda de medicamentos. Google Acadêmico	Mostra que publicidade cria percepção de segurança e incentiva automedicação.	Google Acadêmico
Ferreira Neto	2018	A analítica da subjetivação em Michel Foucault	Discute processos de subjetivação em Foucault	Importante para discutir como sujeitos internalizam discursos de saúde e autocuidado.	PePSIC
Silva; Silva; Arruda	2023	Redes sociais e autodiagnóstico do TDAH	Investiga relação entre TikTok/redes sociais e autodiagnóstico.	Mostra banalização de sintomas e aumento de autopercepções diagnósticas sem avaliação clínica.	Google Acadêmico
Fagan; Braga; Araújo; Freitas	2024	Saúde mental na era da informação: autodiagnóstico em 60 segundos	Analisa conteúdos rápidos sobre saúde mental nas redes.	Evidencia superficialidade diagnóstica e impacto na construção subjetiva.	Google Acadêmico
Gil	2024	Autodiagnóstico : entre informação e desinformação na era digital	Discute autodiagnóstico mediado pela internet.	Mostra tensão entre acesso à informação e desinformação digital.	Google Acadêmico
Rodrigues; Morais; Ferreira	2022	Autodiagnóstico e os fenômenos das redes sociais	Analisa influência das redes sociais no autodiagnóstico. Repositório institucional /	Aponta aumento da autoidentificação com transtornos mentais sem validação profissional.	Google Acadêmico

			Google Acadêmico		
--	--	--	---------------------	--	--

4.1 Infodemia

Com base na análise da literatura, percebe-se um número cada vez maior de autodiagnósticos realizados por meio das redes sociais. Vale ressaltar que o avanço da tecnologia contribuiu para o surgimento de diversos sites com informações especializadas sobre autodiagnóstico. Nesse contexto, as autoras Garcia e Duarte (2020) apontam que a busca acelerada por informações sobre a própria saúde pode fazer com que as pessoas se sintam perdidas diante do excesso de dados disponíveis.

Além disso, torna-se necessário diferenciar o que é informação confiável do que é *fake news*. Um exemplo disso é a pandemia, que trouxe consigo uma infodemia, caracterizada pelo excesso de informações. De acordo com Melo e Santana (2022) durante a pandemia, o Brasil foi um dos países mais afetados pela circulação excessiva de informações e desinformação, fenômeno que contribuiu para o comportamento de estocagem de alimentos e medicamentos por parte da população, motivado pelo medo e pela incerteza gerados pelas notícias

Atualmente, diante do excesso de informações intensificado pela infodemia, torna-se necessário estabelecer um equilíbrio entre a confiabilidade, a credibilidade, a forma de disseminação e a precisão das informações compartilhadas. As redes sociais consolidaram-se como o principal meio de comunicação contemporâneo, possibilitando um alcance amplo e rápido, no qual conteúdos podem ser disseminados em questão de segundos e atingir um grande número de usuários. Um estudo realizado por Vosoughi et al., (2018) aponta que as notícias falsas se difundem significativamente mais longe e mais rápido pois são mais inovadoras e geram surpresas nas respostas.

No campo da saúde, especialmente da saúde mental, observa-se um crescimento significativo da produção e circulação de conteúdos na internet. Essas informações não se limitam a conteúdos informativos, mas também influenciam diretamente o comportamento dos indivíduos, que, em alguns casos, passam a substituir a busca por tratamento especializado por informações obtidas nas redes sociais, muitas vezes de forma superficial, como ocorre durante a navegação em *feeds* (Fiocruz, 2020).

Além disso, embora muitos profissionais utilizem essas plataformas para divulgação de informações e de seus serviços o que pode ser considerado um aspecto positivo, há também um ponto de atenção. Nem todo o conteúdo disponível é produzido por profissionais qualificados,

sendo comum a presença de influenciadores ou indivíduos sem formação na área da saúde abordando temas relacionados a transtornos mentais, por vezes de maneira inadequada ou pejorativa. Nesse contexto, a Resolução nº 011/2018 do Conselho Federal de Psicologia sustenta a ideia do uso profissional adequado das redes sociais, com formação, ética e responsabilidade (CFP, 2018).

Concluimos que este cenário pode contribuir para a desinformação e para a construção de percepções equivocadas sobre a saúde mental, podendo causar mais prejuízos do que benefícios, especialmente quando interfere na busca por diagnóstico e tratamento específicos.

4.2 Automedicação e práticas de riscos

Automedicação é o ato de utilizar medicamentos sem prescrição médica. Esse comportamento humano é caracterizado pelo uso de medicamentos para auto administrar o tratamento de quadros de cunho físico ou psicológicos, tais como dores de cabeça ou fadiga (Santos et al., 2022). Essa prática tem se tornado cada vez mais comum.

No entanto, automedicação pode agravar doenças, mascarar sinais importantes, dificultar o diagnóstico correto e causar efeitos colaterais ou interações medicamentosas prejudiciais. No Brasil, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (Abifarma), todo ano, cerca de 20 mil pessoas morrem, no País, vítimas da automedicação (Hak, 1988). O governo dos EUA, tem um custo de 6 milhões de dólares anuais pelo uso de medicamentos controlados, o que gera uma reação adversa, apesar do controle rígido (Doering, 1986).

Entre os fatores associados à automedicação, destacam-se as recomendações de familiares, amigos e conhecidos, especialmente daqueles que já vivenciaram sintomas ou doenças semelhantes além dessas influências, as mídias sociais e as propagandas farmacêuticas também desempenham um papel significativo na disseminação da automedicação (Wolff e De Peder 2021). Atualmente, a ampla visibilidade de anúncios em redes sociais, televisão, rádio e outros meios de comunicação contribui para que medicamentos sejam frequentemente apresentados como soluções rápidas e acessíveis para diversos sintomas e desconfortos (D'ávila e Andrade, 2023).

Essas propagandas podem induzir a população à crença de que determinados medicamentos podem ser utilizados sem riscos ou sem a necessidade de avaliação profissional prévia. Como consequência, muitas pessoas passam a consumir esses produtos baseando-se

apenas nas informações publicitárias, sem considerar a importância de um diagnóstico adequado e da orientação de um profissional de saúde. Esse cenário reforça comportamentos de automedicação e evidencia a necessidade de ações educativas que promovam o uso racional e seguro de medicamentos mais disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos (Filho et al., 2002).

Vale ressaltar que com o avanço da tecnologia, vários sites e informações especializados em autodiagnóstico surgiram na internet (Vasconcelos-Silva; Castiel, 2009) e ainda dentro desse assunto, o autor afirma que a busca solitária de informações a respeito de como estão, pode fazer com que as pessoas se sintam perdidas em meio de tantos aconselhamentos e no final disseminar o que é real ou *fake news*.

Subjetividade mediante o autodiagnóstico

A subjetividade do indivíduo é formada por um conjunto de experiências, sentimentos, emoções e perspectivas únicas que moldam o seu mundo interno. É interna e pessoal, sendo única de cada indivíduo, pois seus valores, interpretações, história e vivências são constituídos a partir do seu ponto de vista. Porém, como foi observado durante a análise da literatura, o autodiagnóstico é um fenômeno que pode impactar a forma como o indivíduo compreende a si mesmo. Segundo Michel Foucault (1995, *apud* Ferreira Neto, 2018), o sujeito não é constituído somente em um sistema simbólico, mas também em práticas de verdade, ou seja, em uma construção de si que perpassa diferentes discursos.

14

Mas como compreendemos essa subjetividade quando se refere ao autodiagnóstico? Os conteúdos encontrados na internet são influenciadores que causam interpretações, emoções e geram sofrimento por meio das possibilidades diagnósticas. Para Silva et al. (2023), na era digital e com o volume de informações que preenchem cada vez mais a internet, as pessoas buscam respostas para seus sintomas nesse ambiente virtual, observando-se o impacto subjetivo desse fenômeno.

Quando o indivíduo passa a pesquisar sintomas dos quais hipoteticamente supõe ter, isso passa a reorganizar toda a sua trajetória e reinterpretar sua infância, seus relacionamentos interpessoais, seu desempenho e tudo aquilo que foi construído ao longo da vida. Ou seja, compreende-se que esse autodiagnóstico deixa de ser algo clínico e passa a se tornar uma nova identidade (Fagan et al., 2024).

Esse sujeito não descobre algo novo, mas passa a ser constituído por novos discursos.

Como foi dito anteriormente, conteúdos curtos, como vídeos nas redes sociais, produzidos por indivíduos sem formação técnica adequada e que compartilham sintomas e doenças de forma generalista, são influenciadores que levam os indivíduos ao autodiagnóstico (Gil, 2024).

O autodiagnóstico não impacta somente a identidade do sujeito, mas também a produção de sofrimento psíquico. O indivíduo começa a monitorar tudo relacionado a si, seus pensamentos, comportamentos e emoções de forma patológica, o que gera hipervigilância. E inicia-se uma fixação identitária, na qual ele passa a ser aquele diagnóstico (Rodrigues et al., 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou compreender os impactos subjetivos da prática do autodiagnóstico online, evidenciando como o avanço da tecnologia e a popularização das redes sociais impactam a forma como as pessoas buscam informações sobre seus sintomas, transtornos e tratamentos. Observou-se que, embora a internet represente uma importante ferramenta de acesso, o seu uso inadequado pode gerar consequências significativas para o bem-estar do indivíduo.

Os estudos analisados demonstraram que o excesso de informações disponíveis nos meios digitais favorece a propagação de conteúdos superficiais, imprecisos e, muitas vezes, sem embasamento científico, fortalecendo fenômenos como a infodemia e a desinformação. Nesse contexto, muitos indivíduos passam a interpretar seus sintomas de maneira equivocada, prejudicando e comprometendo significativamente quadros de ansiedade, hipervigilância, sofrimento psíquico e construções identitárias baseadas em diagnósticos não confirmados profissionalmente. Além disso, identificou-se que o autodiagnóstico online pode contribuir para práticas de risco, especialmente a automedicação, retardando a busca por acompanhamento por profissionais especializados e agravando possíveis condições clínicas.

Dessa forma, conclui-se que, apesar dos benefícios proporcionados pela internet no acesso à informação, torna-se fundamental promover conscientização acerca do consumo crítico de conteúdos relacionados à saúde mental. Também se faz necessária a valorização do acompanhamento realizado por profissionais qualificados, visando evitar interpretações equivocadas, práticas prejudiciais.

Por fim, ressalta-se a importância de pesquisas sobre a temática, considerando que o autodiagnóstico online é um fenômeno contemporâneo em constante transformação. Nesse

sentido, sugere-se que estudos futuros investiguem de forma mais aprofundada, bem como a partir de diferentes delineamentos metodológicos, os impactos desse fenômeno em diversas faixas etárias e contextos sociais, contribuindo para a elaboração de estratégias de prevenção, cuidado e promoção da saúde mental na era digital.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, S.; OSUCH, E.; WAMMES, M. et al. Self-diagnosis in the age of social media: A pilot study of youth entering mental health treatment for mood and anxiety disorders. *Acta Psychologica*, v. 256, 2025.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Perfil da automedicação no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997.

ASSIS, Simone Gonçalves; AVANCI, Joviana Quintes; OLIVEIRA, Raquel de Vasconcellos Carvalhaes de. Desigualdades socioeconômicas e saúde mental infantil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, supl. 1, p. 92-100, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASS, E. P. Changing the status of drugs from prescription to over-the-counter availability. *New England Journal of Medicine*, v. 345, p. 806- 810.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2018.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. P. 41 - 48.

D'ÁVILA, Beatriz Serra Souza; ANDRADE, Leonardo Guimarães de. A influência da publicidade na automedicação. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2023.

DOERING, P.L. Pharmacists as prescribers: the Florida experience. *Drug intelligence and clinical Pharmacy*, v.20, p.983-984, 1986.

FAGAN, Charlene Alencar Sales; BRAGA, Luciana Aparecida Carvalho; ARAÚJO, Thamires Vacareli Santos; FREITAS, Valéria Nancy de. Saúde mental na era da informação: a produção de autodiagnóstico em 60 segundos através das redes sociais. *Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica-COBRIC*, v. 1, n. 3, 2024.

FERREIRA NETO, João Leite J. L. A analítica da subjetivação em Michel Foucault. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 7 - 25, 2018.

FILHO, A. I. de L.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA,

M. F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do Bambuí.

Revista Saúde Pública, v.36, n.1, p.55-62, 2002.

FREIRE, Manuela; RIBEIRO, Neuza; GOMES, Daniel Roque; REGO, Arménio. Os comportamentos contra produtivos (CP) como resposta às percepções de justiça organizacional e ao stresse- III Conferência Intervenção e Investigação em Recursos Humanos, 2011.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Infodemia e desinformação na pandemia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 29, n. 2, 2020.

GIL, Luana Diogo. Autodiagnóstico: entre a informação e a desinformação na era digital. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia, Faculdade Integrada.

HAAK, H. Pharmaceuticals in two Brazilian villages: Lay practices and perceptions. Soc.Sci Med., v.27, p. 1415-27, 1988.

KOLTERMANN, Gabriella. Autodiagnóstico em saúde mental pela internet pode ocasionar problemas. Jornal da Universidade UFRGS, 2024

LIMA, A. S. P.; GOMES, B. do A. N. de F.; FILHO, L. de S. L.; OLIVEIRA, M. A. R. de; BARBOSA, S. L. e S.; SOUZA, M. B. R. de. Automedicação: impactos no tratamento médico e diagnóstico da doença. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 5, n. 5, p. 6564-6582, 2023.

MELO, M. L. D.; SANTANA, S. R. Infodemia e ciência da informação no Brasil: perspectivas e reflexões. Revista Conhecimento em Ação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 24 - 41, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Constituição da Organização Mundial da Saúde. Genebra: OMS, 1948.

PANNOR, Michelle Prata. Perspectivas dos pacientes sobre informações de saúde online e comunicação com médicos: um estudo qualitativo com pacientes com 50 anos ou mais. Journal of Medical Internet Research, 13 jan. 2015.

RODRIGUES, Emanuelle Minella; MORAIS, Renata Kelly de; FERREIRA, Stefany Laiz. Autodiagnóstico e os fenômenos das redes sociais. Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais, 2022.

SALEM, Mohamed; ROBENSON, James. The impact of socioeconomic factors on mental health: a conceptual framework. Cureus, v. 17, n. 7, e88244, 2025.

SANTOS, Letícia Furtado dos; BATISTA, Sabrina Lucas; MEDEIROS, Ana Paula. Entre posts, likes e sintomas: o impacto das redes sociais no autodiagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade e Transtorno do Espectro Autista. Revista Aracê, SJC, v. 7, p. 1-22, 2025.

SILVA, Dayane Bastos; XAVIER, Aquila Siqueira; ALVES, Ana Cristina. Desinformação e estigmatização na saúde mental: impactos na busca por tratamento e bem-estar psicológico. *Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT*, v. 9, n. 2, 2024.

SILVA, Rayssa Querubim Gomes da; SILVA, Shirley Maria da; ARRUDA, Thais de Souza. As redes sociais e sua relação com o autodiagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) Centro Universitário Brasileiro-UNIBRA, Recife, 2023.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto; CASTIEL, Luis David. As novas tecnologias de autocuidado e os riscos do autodiagnóstico pela Internet. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 26, n. 2, p. 172 - 175, 2009.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WOLFF, Fernanda do Nascimento; DE PEDER, Leyde Daiane. A influência das mídias sociais no uso de medicamentos. *Visão Acadêmica*, v. 22, n. 3, 2021.